

Rapazes de Ontem / Artistas de Hoje



M seguida ao incidente tão doloroso para o velho mestre veio a reacção. As lágrimas, provocadas pela irreverencia da rapaziada, puzeram termo às troças, continuando a aula debaixo de uma impressão de tristeza. Os provocadores de tão grotesca brincadeira nunca poderiam calcular que a sensibilidade do bondoso mestre se sentisse tão profundamente ferida. Dos professores da-

quelle tempo, fóra de qualquer contestação, era o barão Homem de Mello um dos melhores corações e o mais illustrado. As questões de Arte, elle as conhecia com segurança. O seu sentimento attingia o exaggero em uma insignificante representação. Uma figurinha recortada de um jornal era motivo para que a sua emotividade e vibrasse profundamente. Espirito de estheta, não obstante a idade avançada dissima. Através do seu en car qui lhado semblante o entusiasmo pela vida e pela natureza era encantador. Em todas as troças dos rapazes, passado o primeiro instante, encontrava motivo para uma prosa, que deixava transparecer a bondade e a cultura. Dono de uma memoria prodigiosa, prendia com as suas narrações de viagens. O Egypto representava o ponto sensível do velho mestre. Quando as aulas recahiam sobre os principaes episodios do antigo povo, era um gozo ver como se transformava a physionomia do Barão. Entrava pela hora regimental, sendo preciso que o guarda lhe chamasse a attenção.



HENRIQUE CAVALLEIRO, PREMIO DE VIAGEM; ACTUALMENTE EM PARIS.

Quando um estudante entrava em exame de historia da Arte, e o ponto sorteado era completamente estranho aos seus conhecimentos, logo se agarrava, como taboa de salvação, ao Egypto, e estava salvo. Os olhos do velho mestre brilhavam de satisfação, os seus collegas de banca compreendiam a manobra do examinando, fingiam que não percebiam, deixando que o collega preenchesse a hora destinada ao estudante para responder sobre o ponto sorteado. O resultado da espezteza era uma simplesmente muito ordinaria, mas que, em todo o caso, servia para mandar o coitado ao anno seguinte.

Curioso era ver-se a zanga do saudoso Dr. Araujo Vianna, quando o barão Homem de Mello a elle se dirigia. Nunca o tratava pelo proprio nome, e sim de *venerando collega!* Era fatal, que, antes de iniciar as suas aulas de Mythologia, commentasse o Dr. Araujo Vianna tal tratamento, e isso elle o fazia com revolta mal disfarçada. E' que ambos queriam ser jovens, embora já tivessem passado da casa dos sessenta...

Nesse mesmo anno, muitos episodios interessantes se passaram entre os professores e alumnos.

Entre elles, tivemos um que



"LUCIO", PINTADO PELO "RAPIN" ARTHUR TIMOTHEO, EM 1906.

custou a perda de alguns dentes a um calouro, muito guloso e intrometido. Não havia caixa de tintas em que elle não mexesse, nem modelos de natureza morta (frutos, etc.) que elle não comesse... Coitado, andava atrazado...

Certo dia, os collegas do comilão arranjaram com os rapazes da aula de escultura uns suspiros de gesso, bem feitos e ócos, para que não ficassem pesados. Depois, arrumaram um canto pittoresco, onde os suspiros ficaram bem á vista. Deram inicio ao trabalho com a maior calma deste mundo. No espirito de N. ficou logo estabelecido que daria cabo das guloseimas; disfarçou, como habil comediante, deixou-se ficar por ultimo e, zás! trincou um dos suspiros com valentia... Nisso, a rapaziada, que esperitava, apparece repentinamente, apanhando em flagrante o pobre coitado, que se maldizia e lastimava pela perda dos dentes...

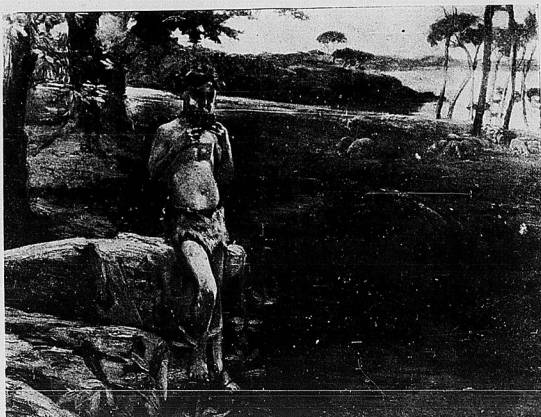
Precisamente nessa época sa-cudia a Escola

uma questão de rivalidade, que perturbou seriamente os animos dos estudantes. Havia na Escola duas especies de alumnos, os matriculados e os livres; os matriculados eram os que tinham preparatorios feitos no Pedro II e os livres os que faziam apenas um pequeno exame na Secretaria da Escola; os primeiros accusavam os segundos de serem ignorantes e de frequentarem as aulas por favor. Dahi a grande discórdia que perturbou o andamento dos estudos e da boa camaradagem existentes. Dias depois desses incidentes, commemorava-se a morte de Floriano, e a Escola fóra convidada a comparecer, tendo a respectiva commissão posto á disposição dos alumnos um *landau*. Muito se discutiu quaes os que deveriam representar, surgindo novamente a questão anterior. Uns diziam que os alumnos livres não podiam comparecer em caracter representativo, outros que podiam. Emfim, houve tal barulho que foi preciso a nomeação de um arbitro, sendo escolhido o velho Zeferino da Costa, professor de modelo vivo. Foi elle de parecer que os alumnos livres deviam ter representação, pois, como os matriculados, tambem pagavam matricula.

Terminado o incidente foi eleita uma commissão de cinco membros, sendo dous alumnos livres e tres matriculados. Como prova de consideração foi o estandarte da Escola confiado a um dos alumnos livres, que, muito conscio do papel que representava, compareceu no dia designado para a commemoração com a melhor roupa e cabellos mais ou menos penteados. Formado o prestito, no antigo largo da Mãe do Bispo, seguiram todos rumo do cemiterio de S. João Baptista, e, uma vez ali chegados, saltaram e caminharam a pé até o tumulo do grande brasileiro. Os discursos faiscavam mais do que o sol ardente em cima dos marmores dos mausoléos; muito entusiasmo, muito patriotismo e freneticos applausos ao orador, general Gomes de Castro, então major.

(Continúa no proximo numero.)

A. MATTOS.



INFANCIA DE ORPHEU, QUADRO DE EDUARDO VILACQUA, PREMIADO COM MEDALHA DE PRATA, EM 1906.